

## RESENHAS

ALDEN, Dauril, ed. — *Colonial roots of modern Brazil*. Berkeley/London, University of California Press, 1973.

Os trabalhos apresentados à *Newberry Library Conference* (novembro de 1969) — que foi o primeiro simpósio norte-americano destinado exclusivamente à história colonial brasileira e que reuniu cerca de 40 especialistas, liderados por Charles Boxer — apresentam-se agora editados por Dauril Alden. É ele o autor de *Royal Government in Colonial Brazil* (no qual estuda o governo do Marquês do Lavradio) e que o consagrou definitivamente como um dos mais importantes *brazilianists*.

O "passado na perspectiva presente" é visto pelas reflexões que Charles Boxer faz sobre a historiografia publicada entre 1950 e 1970, referente à época colonial. Com esta análise, procura atualizar, no que concerne ao Brasil, a discussão do mesmo tema, que apresentara ao Colóquio Internacional de Estudos Luso-Brasileiros (Washington, 1950). Destaca as contribuições novas que surgiram nas décadas de 50 e 60, em campos ainda pouco explorados dentro da história administrativa, econômica, social e institucional. Inclui, entre elas, os trabalhos de Dauril Alden (*Royal Government in Colonial Brazil*, 1968), de Arnold Wiznitzer (*The Jews in Colonial Brazil*, 1960), de John Russel-Woods (*Fidalgos and Philanthropists*, 1968), de Pierre Verger (*Flux and reflux de la traite de nègres entre le Golfe de Benin et Bahia de Todos os Santos*, 1968), de Frédéric Mauro (*Le Portugal et L'Atlantique au XVII siècle*, 1960), de Myriam Ellis (*O monopólio do sal no Estado do Brasil e Aspectos da pesca da baleia no Brasil colonial*, 1969), de Manuel Nunes Dias (*Fomento e mercantilismo: política econômica portuguesa na Baixada maranhense (1775-1778)*, 1965), de Gustavo de Freitas (*A Companhia Geral do Comércio*, 1951), de Thales de Azevedo (*Povoamento da Cidade do Salvador, 1955-57*), de Luís Ferriand de Oliveira (*A diplomacia portuguesa e os limites meridionais do Brasil*, 1957) e de Amaral Lapa (*O Brasil e a Carreira da Índia*, 1966).

Entretanto, nota-se pelo menos a ausência dos trabalhos de Sérgio Buarque de Holanda, *Visão do Paraíso: os motivos endêmicos no descobrimento do Brasil* (1959) e os de Marcos Carneiro de Mendonça, *A Amazônia na era pombalina* (1963) e *O marquês de Pombal e o Brasil* (1960).

Questões fundamentais para a evolução do Brasil-colônia, tais como governo e autoridade; diplomacia e geopolítica; ideologia e ilustração são estudadas na primeira parte (*Political aspects*), respectivamente nos trabalhos de Francis Dutra

(*Centralization vs. Donatarial Privilege: Pernambuco, 1602-1630*); de David Davidson (*How the Brazilian West Was Won: Freelance & State on the Mato Grosso Frontier, 1737-1752*) e de Kenneth Maxwell (*The Generation of the 1790s and the Idea of Luso-Brazilian Empire*).

O caso do trabalho livre numa economia escravocrata, estudado por Stuart Schwartz (*Free Labor in a Slave Economy: The Lavradores de Cana of Colonial Bahia*), inicia a segunda parte (*Socioeconomic aspects*), cujos demais trabalhos abordam o emprego da mão-de-obra indígena no século XVIII (*The Indian Labor Structure in the Portuguese Amazon, 1700-1800*, por Colln Maclachlan) e a história dos preços na época do Vice-reinado e Reino Unido (*A Preliminary Inquiry into Money, Prices, and Wages in Rio de Janeiro, 1763-1823*, por Harold Johnson Jr.).

Não obstante o critério e seriedade dos trabalhos apresentados, não representam eles contribuições que justifiquem um título tão geral para a publicação: "Raízes coloniais do Brasil moderno". É que, em que pese a generalização que deles se possa inferir — o que, aliás, é plenamente justificável dentro da caracterização do sistema colonial português aplicado ao Brasil — tratam-se de estudos demasiadamente especializados, seja no âmbito regional, seja no temático.

Não é de se negar que a estruturação do Brasil-nação possa ter partido, dentre outros fatores, das sementes lançadas pelo governo do Pernambuco pré-holandês, ou das questões ligadas ao bandeirismo e às idéias de Alexandre de Gusmão em relação à fronteira mato-grossense, ou das idéias democráticas adquiridas na Europa pelos nossos "ilustrados", assim como das experiências de trabalho agrícola livre ou do trabalho específico de Mendonça Furtado na Amazônia, ou ainda das questões de mercado no Rio de Janeiro. Mas, o que não se pode deixar de afirmar é que estes estudos enquadrem algumas de nossas raízes, cujo âmbito abrangeria ainda, necessariamente, temas ligados à estrutura burocrática, à caracterização da sociedade, ao comércio de exportação, e outros, que poderiam completar melhor o quadro das origens coloniais do Brasil moderno. — HELOISA LIBERALLI BELLOTTO

AZEVEDO, Thales de — *Democracia racial: ideologia e realidade*. Petrópolis, Vozes, 1975.

Mais uma vez, o mito da ausência do preconceito de cor no Brasil é retomado por Thales de Azevedo, assim como já o fizeram Roger Bastide, Florestan Fernandes, João Baptista Borges Pereira e outros.

Fundamenta todo seu trabalho na ideologia da democracia racial, tomando como pano de fundo o inter-casamento — branco-negro — que reflete a estrutura brasileira de ontem e de hoje no nível das relações entre tais grupos.

Este trabalho é produto de uma pesquisa de diversas obras, que reúnem essa complexa temática. Através delas, procurou demonstrar, no primeiro capítulo, o papel que os africanos e negros representaram para o país, desde a época do tráfico e escravatura até os dias de hoje. Aí examinou a heterogeneidade cultural e lingüística dos diferentes grupos africanos e suas conseqüências sócio-culturais, quanto à integração destes grupos entre si e na estrutura colonial brasileira.

Os dados que manipula para a realização deste capítulo, "Africanos e negros no Brasil — uma síntese", já foram trabalhados por Nina Rodrigues, Arthur Ramos e Roger Bastide, porém os interpreta quanto à formação de uma pretendida democracia racial, de ordem essencialmente ideológica, como ele próprio coloca: "... a pretendida democracia racial realmente é uma ficção ideológica que as barreiras